

Os alarmantes dados da OCDE



Benjamin Ribeiro da Silva
Presidente do Sieceesp

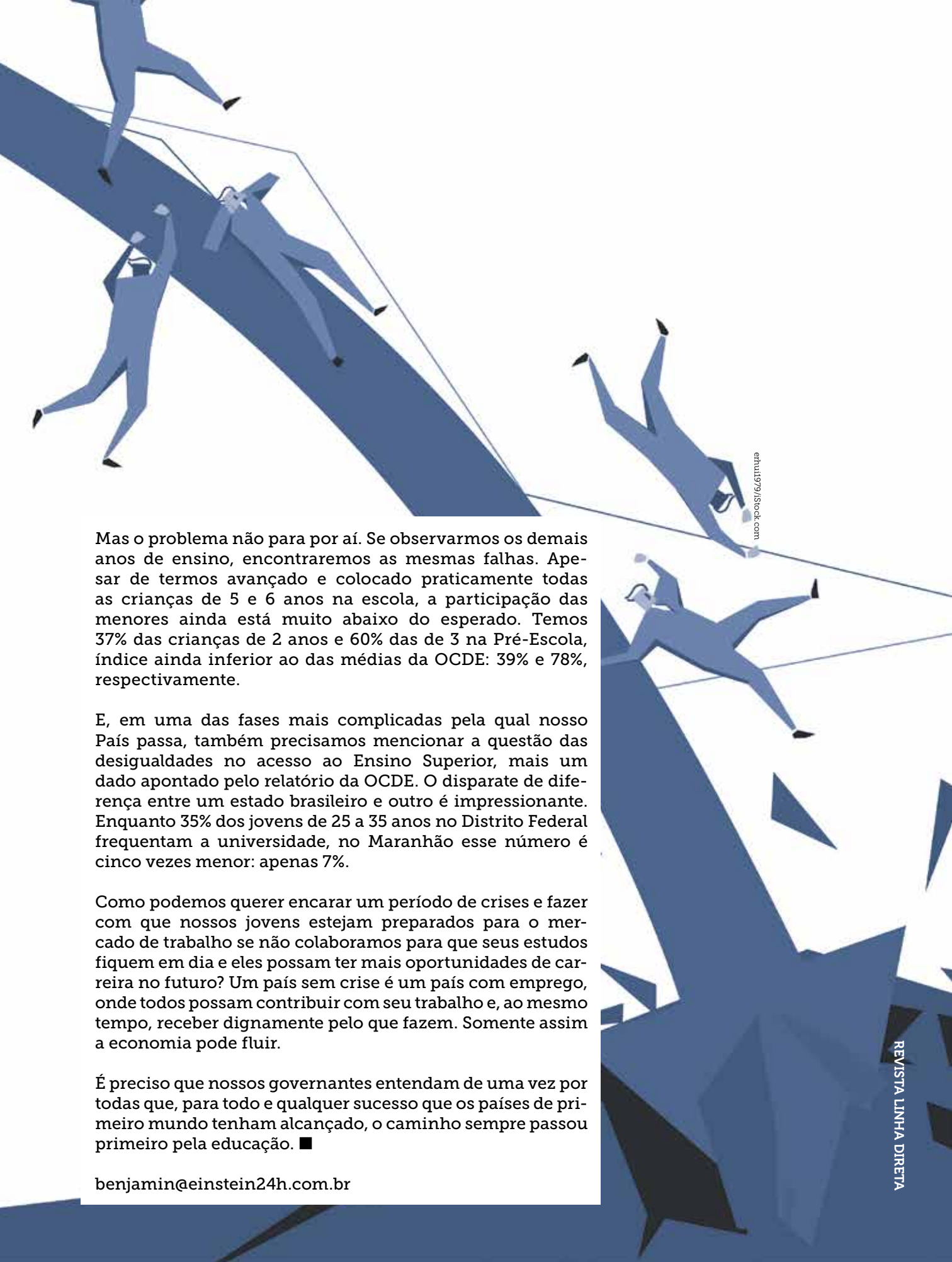
Recentemente, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) publicou mais um relatório com números alarmantes sobre a educação no Brasil. O documento, que recebeu o nome de *Education at a Glance*, traz amplo panorama sobre o tema em mais de 45 países.

No cenário da educação brasileira, tivemos novamente resultados negativos e que necessitam de atenção. Segundo o relatório, mais da metade dos adultos com idade entre 25 e 64 anos não tem acesso ao Ensino Médio, e 17% da população sequer concluiu o Ensino Básico. Os números estão muito abaixo da média dos países da OCDE, que têm 22% de adultos que não chegaram ao Ensino Médio e 2% que não concluíram o Básico.

Ainda amargamos a triste realidade de que, dos adolescentes brasileiros com acesso ao Ensino Médio, somente a metade conclui seus estudos nos três anos exigidos. Atualmente, entre os jovens de 18 anos, menos da metade cursa o Ensino Médio ou Superior.

Considerando que essa etapa de três anos deveria ser cumprida entre os 15 e os 17 anos de idade, o Brasil tem apenas 53% dos alunos de 15 anos matriculados no Ensino Médio. Entre os de 16 anos, 67% estão matriculados e, entre os de 17, somente 55%. Na média dos países da OCDE, pelo menos 90% dos alunos entre 15 e 17 anos estão no Ensino Médio.

Vocês conseguem perceber o tamanho da diferença? É nossa responsabilidade, como educadores, estar sempre acompanhando esses números e cobrando dos responsáveis que regularizem essa situação.



Mas o problema não para por aí. Se observarmos os demais anos de ensino, encontraremos as mesmas falhas. Apesar de termos avançado e colocado praticamente todas as crianças de 5 e 6 anos na escola, a participação das menores ainda está muito abaixo do esperado. Temos 37% das crianças de 2 anos e 60% das de 3 na Pré-Escola, índice ainda inferior ao das médias da OCDE: 39% e 78%, respectivamente.

E, em uma das fases mais complicadas pela qual nosso País passa, também precisamos mencionar a questão das desigualdades no acesso ao Ensino Superior, mais um dado apontado pelo relatório da OCDE. O disparate de diferença entre um estado brasileiro e outro é impressionante. Enquanto 35% dos jovens de 25 a 35 anos no Distrito Federal frequentam a universidade, no Maranhão esse número é cinco vezes menor: apenas 7%.

Como podemos querer encarar um período de crises e fazer com que nossos jovens estejam preparados para o mercado de trabalho se não colaboramos para que seus estudos fiquem em dia e eles possam ter mais oportunidades de carreira no futuro? Um país sem crise é um país com emprego, onde todos possam contribuir com seu trabalho e, ao mesmo tempo, receber dignamente pelo que fazem. Somente assim a economia pode fluir.

É preciso que nossos governantes entendam de uma vez por todas que, para todo e qualquer sucesso que os países de primeiro mundo tenham alcançado, o caminho sempre passou primeiro pela educação. ■

benjamin@einstein24h.com.br